

# E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2444  
31 AGOSTO 2019

## Lourdes Castro

### Uma noção exata do essencial

Rara entrevista de fundo com um dos nomes mais singulares e reconhecidos da arte portuguesa. Aos 88 anos, na ilha da Madeira, aonde regressou depois de viver em Berlim e em Paris, falou como nunca sobre a luz e as sombras. O importante é respirar



USE ESTE CÓDIGO PARA LER OS CONTEÚDOS DIGITAIS EXCLUSIVOS DO EXPRESSO EM LEITOR.EXPRESSO.PT OU NA APP EXPRESSO

6991P

+

Google  
Como fugir ao grande polvo

Ténis  
Do lixo ao luxo nos nossos pés

Shi

e nunca fui de me meter em política. Nunca, nem para um lado nem para o outro.

#### **A sua saída de Portugal não foi um exílio?**

Mais depressa foi um exílio cultural do que político. Já conhecíamos Paris, antes de irmos para lá viver. E vivemos antes em Munique, um ano. Já conhecíamos a Europa, os museus todos.

#### **E em Lisboa não se passava nada.**

Mas em Paris também não havia nada, ainda não se fazia nada nos museus. Os museus eram mesmo museus.

#### **O que interessava em Paris estava nas galerias?**

Sim, era nas galerias. E em poucas, muito poucas. Começou a Denise René, mais outras galerias. Por exemplo, fizemos a exposição da 'Gioconda' e a do guarda-roupa. Pensámos: "E se fizéssemos uma exposição do guarda-roupa?" E então cada um de nós fazia um guarda-roupa. A exposição foi num ateliê fora de Paris que era muito grande. Levaram-se para lá as peças todas, levou-se comida... E depois acabava sempre tudo com dança. Levavam um gira-discos e era o que se fazia. Houve uma que se vestiu com o que ia expor. E o que era? Tudo em fecho *éclair*. A saia... Tudo.

#### **Tinham chegado a Paris no final dos anos 50. Antes, casaram-se?**

Casámo-nos por procuração, a minha mãe é que teve essa ideia, no verão. Disse: "Vocês casem-se por procuração, não é preciso fazer festas nem nada." E assim o René pôde vir e ficar comigo, porque já estávamos casados.

#### **A ideia era o René ir ter onde?**

À Madeira. Veio aqui numas férias. E com o Manuel [Zimbro] também me casei. Aí já foi por outra razão, foi a pensar nesta casa. Pensei: "É melhor a gente casar-se, por causa das assinaturas." Mas ele já foi primeiro do que eu. Foi tão cedo.

#### **Morreu em 2003, com 59 anos.**

Sim. O bom é que ficámos sempre todos tão amigos. O René Bertholo esteve aqui em baixo. E eu era a amiga número um da mulher do René [Elna Voss-Hellwig]. Porque ela era alemã. Era casada antes com um irmão do [pintor alemão] Jan Voss e tinha-se divorciado. Vai-se ver se algum dia se faz alguma coisa como deve ser sobre o René Bertholo. Ele era um bocadinho assim [põe uma mão em forma de gancho]. Não era fácil com as outras pessoas. Chateava-se. Nunca fez uma exposição na Gulbenkian. Mas há de vir. Cá me arranjo. Desde que o conheci, ele

sempre foi de multiplicar. Fez as primeiras serigrafias com um pedacinho de seda. E depois fez a revista "Ver", em Belas-Artes. Foi aí que a gente se enamorou, quando me convidou para participar na revista.

#### **Como foram os vossos primeiros anos em Paris?**

Foi muito boa altura para chegarmos a Paris. Em 57 fomos para a Alemanha, em 58 fomos para Paris. Não havia ainda nada, estavam todos a chegar. Conhecemos tanta gente...

#### **Como começaram a fazer a revista "KWY"?**

Chegámos a Paris e o René disse assim: "Vai-se fazer uma revista." E eu ajudei, claro. Era uma carta aos amigos, em vez de se estar a escrever a um e a outro.

#### **Na revista "KWY" havia artistas muito diferentes uns dos outros.**

Fazia cada um à sua maneira. Se não fosse o René, não havia "KWY". Quando se pensa como é que a gente fazia, como deixávamos as provas a secar em cima da cama... O espaço que nós tínhamos — para dormir, para cozinhar e para tudo — era assim um quadradinho. Com um corredor escuro. Era daqueles quartos *de bonne* [de criada], lá em cima no sétimo andar. A nossa safa é que antes de nós, no quatinho *de bonne* esteve um canalizador.

#### **Então estava tudo arranjado.**

Estava. Quer dizer, ele pôs água. E depois a água ia para o telhado. Na Rue des Saints-Pères, *en plein Saint-Germain*. Íamos a todo o lado a pé, até à Ópera.

#### **O que aconteceu depois a essa casa?**

Ah, agora é moderníssima. É um edifício antigo, em cima fizeram apartamentos nos *chambres de bonne*, claro.

#### **E o seu trabalho? A sua sombra com o René na parede da casa?**

Ah, isso já desapareceu [risos].

#### **A "KWY" era uma revista internacional?**

Era internacional porque estávamos num sítio que era assim. Tenho aqui o catálogo da primeira exposição do Yves Klein e umas investigadoras já me disseram que é "introuvable". Tenho aqui coisas *introuvables* dessa gente toda.

#### **"KWY" significava "Ká Vamos Yndo"?**

Não, isso foi o que disseram depois. O René queria ter as três letras que naquela altura não havia no alfabeto português: o K, o W e o Y. Isso do "Ká Vamos Yndo" foram coisinhas que foram dizendo.

#### **Dava para dormir nessa casa? Com a serigrafia, com as provas a secar sobre a cama?**

Depois tirava-se à noite. [Risos] Ninguém tinha nada, ninguém tinha dinheiro e fazia-se tudo. O Manuel [Zimbro] dizia que era o estilo "com-o-que-há". Mesmo esta nossa casa aqui na Madeira tem muita coisa ao estilo "com-o-que-há". E parece-me que talvez hoje isso esteja a voltar em Portugal.

#### **O dinheiro nunca foi uma motivação para si?**

Não. [Risos] Nunca foi. Nunca soube fazer contas. Mas sempre vendia uma coisa de vez em quando. E quando vendia, dava para umas coisinhas. Depois tivemos a bolsa [da Gulbenkian].

Quem teve primeiro a bolsa foi o René, depois eu. Em Berlim tive bolsa para o teatro [das sombras]. Fizemos a "Lig-ne d'Horizon". Estivemos lá quase um ano e nem era preciso fazer relatório: "Se vocês quiserem, podem fazer um relatório. Ou uma exposição, se vos apetecer." E nós fizemos exposições, o René e eu. E fizemos um espetáculo na Akademie der Künste, foi muito bom.

#### **Em Paris, a Lourdes, o René e outros artistas portugueses jovens tiveram uma relação próxima com os pintores Maria Helena Vieira da Silva e Árpád Szenes?**

Tivemos, naturalmente. Mas uma vez alguém escreveu que a gente chegava a Paris e que a Vieira da Silva já nos dava galeria, já nos dava tudo... Não, não era assim. Tem de se ir devagarinho. Fomos conhecendo. E ela era muito nossa amiga. Não de todos, foi conforme. O René e eu éramos um casal e sentiam isso, que éramos um casal mesmo. Trabalhávamos os dois juntos. Isso dava uma certa estabilidade. Porque, por exemplo, o Escada tinha uns rapazes, o outro tinha umas namoradas, depois o Christo lá um dia se casava ou não se casava... E nós estávamos ali quietinhos. Portanto, havia uma confiança. A casa da Rue des Saints-Pères era pequenina, mas era um lugar seguro.

#### **Em Paris era habitual a Lourdes fazer uma panela de sopa para o grupo da "KWY" como se conta? Comiam juntos?**

Não, não comíamos. Nem houve grupo, nunca. Como é que hei de dizer direitinho? Nós íamos convidando um, depois outro: "O Escada — se quiser — faz esta capa." Mas houve pessoas de uma galeria de Itália que nos perguntaram: "Querem fazer uma exposição

“

**Uma vez alguém escreveu que a gente chegava a Paris e que a Vieira da Silva já nos dava galeria, já nos dava tudo... Não, não era assim”**



aqui com o grupo da revista?” Ficou assim: “O grupo da revista”. Mas não éramos um grupo. Cada um estava para o seu lado e fazia as suas coisas. E ajudava. O que aconteceu depois é que a edição era cada vez maior e era preciso colar, agrafar ou não agrafar, pôr a secar, mandar pelo correio para os assinantes...

#### **A “KWY” começou por ter quantos exemplares?**

Começou com 50 ou 60, até chegar aos 300. Mas, *petit à petit*, só o Christo e o Jan é que ajudavam. O “KWY” só teve dois números com o Costa Pinheiro, com o Escada, com o João Vieira e com o Gonçalo Duarte. O João Vieira gostava de contar histórias — os amores e mais isto e mais aquilo — e a gente também gostava de ouvir. Mas estávamos ali para imprimir, para limpar

sedas... Dá muito trabalho fazer tudo à mão! Bem, do Gonçalo nem se fala. O Gonçalo sentava-se. É terrível ver quando as pessoas se sentam e enrolam as pernas. Ui, é uma maneira de sentar... E então um dia eu disse: “Vocês são lindos e vamos ficar sempre amigos. Mas agora o ‘KWY’ é o René, a Lourdes, o Jan e o Christo. Que são os que ajudam.” O Jan e o Christo vinham sempre. Dos 12 números, só dois é que fizemos com todos. Portanto, o grupo existiu e não existiu. Foi só para fazer essa exposição em Itália e mais outra em Paris: “Le soleil dans la tête”, que era do grupo “KWY”. Mas, “grupo ‘KWY’” foi muito pouco. Foi só para se dar o nome às exposições.

#### **Ainda não falámos de sombra.**

Ah, estou sempre a desviar. Sou muito organizada e desorganizada a falar.

#### **Desvie à vontade. Descobriu o encanto da sombra a partir das primeiras serigrafias de objetos que fez em Paris?**

Isso foi a sombra no papel. Mas já tinha feito contornos de pessoas. Às vezes estou aqui a ver os filmes.

#### **Os filmes da sua vida?**

Sim, um bocadinho. Umã vez estava aqui de férias e fui ver a casa nova de uns amigos, que ia ser pintada. Era perto do Casino Park, uma casa do [Jorge] Sumares, que escrevia muito bem. E o Jorge disse assim: “Vocês podem grafitar a parede, depois vai ser tudo pintado.” Estávamos ali cinco ou seis amigos, talvez. Íamos jantar. E comecei a fazer o desenho dos amigos que estavam lá.

#### **Nas paredes? Foi um dia inaugural?**

Sim. Depois disso foi caído e acabou-se. Quando já morava em Paris,

ficávamos três meses de férias na Madeira. E foi cá esse dia inaugural. Mas em Paris já tinha começado a descobrir as sombras de objetos nas serigrafias.

#### **Mas ainda não com as formas das pessoas.**

Não. Mas ali havia pessoas e então lembrei-me de fazer as sombras das pessoas na parede. Foi antes de saber histórias sobre [o escritor Adelbert Von] Chamisso e as sombras. Mas acho que é muito natural. Estava lá aquela parede toda para fazer coisas. E fiz. Depois, muito mais tarde, uma amiga da Alemanha mandou-me o livro do Chamisso. Há coisas que acontecem assim, sem a gente querer. Depois é que nos lembramos de que lemos este ou aquele livro. Outro dia estava a pensar que havia aqui na Madeira uma perceptorã inglesa dos filhos de uma amiga da